

REITORIA DA UNIVERSIDADE DO PORTO
GOVERNO CIVIL DO PORTO

I CONGRESSO INTERNACIONAL DO BARROCO

Actas

II VOLUME

SEPARATA

ANTÓNIO FILIPE PIMENTEL

Vivência da morte no tempo barroco:
Tumulária portuguesa nos séculos XVII e XVIII



PORTO • 1991



Fig. 14

bispo de Tessalónica na Basílica da Estrela (fig. 14), a tumulária portuguesa não oferece novidades.

O do 7.º duque de Aveiro, D. Gabriel de Lencastre, erguido na década de 1740³⁶ no Convento de Jesus de Aveiro será, porventura, o mais imaginativo, na reprodução da linguagem funérea veiculada pelo modelo próximo da Vista Alegre (fig. 16).

*

— Certos ataúdes devocionais fabricados com fins religiosos, como esquifes para o enterro do Senhor na Semana Santa, para os retábulos

³⁶ Cfr. AMARO NEVES, *Aveiro, história e arte*, EDERAV (Associação de Defesa do Património Natural e Cultural da Região de Aveiro), Aveiro, 1984, p. 57.



Fig. 15

da Senhora da Boa Morte, ou a urna que José Francisco de Paiva desenhou em 1793 para albergar o corpo de Santa Mafalda em Arouca³⁷, ligam-se mais aos rumos do nosso mobiliário que à evolução de uma autêntica arte funerária que se revela, afinal, pouco criativa.

Merecem todavia referência os mausoléus ou *castrum doloris*, erguidos com materiais efêmeros por ocasião das exéquias de altas personagens e onde, verdadeiramente, mais do que nas sepulturas, têm lugar criações espectaculares, em consonância com o *pathos* retórico do barroco europeu.

³⁷ Cfr. MARIA HELENA MENDES PINTO, *José Francisco de Paiva, ensamblador e arquitecto do Porto (1744-1824)*, Museu Nacional de Arte Antiga, Lisboa, 1973, pp. 40-41; apresenta um esboço para a urna de Santa Mafalda já ao gosto neoclássico, afinal preterido a favor de uma solução puramente *rocaille*. Como se vê a morte é conservadora...



Fig. 16

No seguimento do modelo riscado por Carlo Fontana para os funerais de D. Pedro II na igreja portuguesa de Roma, em 1707 (fig. 17), amplamente divulgado através da gravura, generaliza-se a estrutura em forma de baldaquino, sob o qual se abriga o catafalco entre cortinas de efeito dramático, figuras simbólicas e esqueletos providos de ampulhetas, foices e outros elementos macabros, a quem compete um papel activo na transmissão do discurso alegórico. Nas exéquias do duque de Cadaval em 1727 ou de D. João V, em 1750/51, pressente-se pois o modelo romano³⁸, encenando uma complexa representação da morte sem correspondência nas construções de pedra e cal.

*

³⁸ Veja-se a este respeito: ROBERT C. SMITH, «Os Mausoléus de D. João V nas quatro partes do Mundo», *Revista da Faculdade de Letras*, Lisboa, tomo XXI, 2.^a série, n.º 1, 1955, Sep. e JOSÉ MANUEL TEDIM, «Festas Barrocas no Brasil Colonial, exéquias de D. João V em S. Salvador da Baía e S. João d'El-Rei», comunicação apresentada ao *V Simposio Hispano-Portugués de Historia del Arte*, Valladolid, 1989.

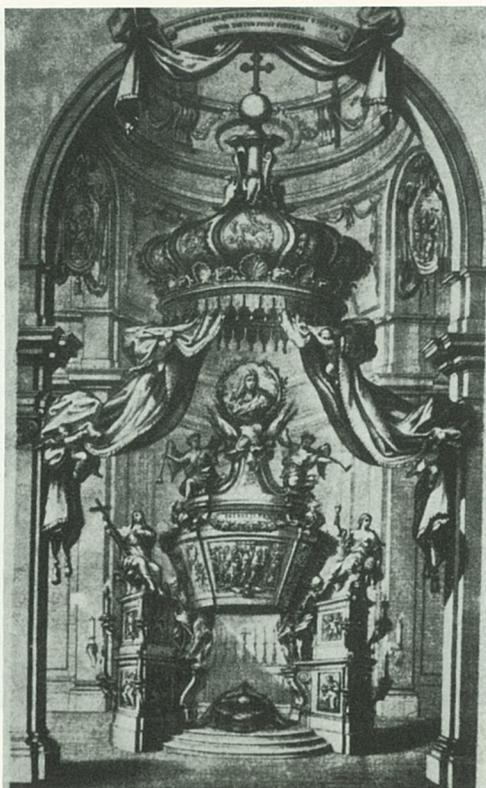


Fig. 17

Como entender, então, o divórcio que facilmente se detecta entre o carácter mundano e internacionalista ostentado pela arte efémera das celebrações fúnebres e uma tumulária que parece ter-se obstinado em conservar uma personalidade autónoma?

Na realidade, sob a marcha triunfal do grande cerimonial barroco da morte que aparentemente domina a Europa católica — mas igualmente a reformada — dos séculos XVII e XVIII, adivinham-se desde cedo vozes dissonantes que, inicialmente em nome de uma vivência mais exigente do cristianismo, persistem em não acreditar que a salvação se encontre dependente desta hiperbólica encenação, opondo-lhe uma alternativa de simplicidade. Jansenistas e outros *dissidentes* iniciam, assim, um confronto no interior mesmo da hierarquia entre os *terroristas* da pastoral tridentina e os adeptos da via da doçura e da persuasão³⁹.

³⁹ MICHEL VOVELLE, *ob. cit.*, pp. 141-142.

Paralelamente, a ascensão de outros grupos sociais portadores de uma mentalidade mais positiva, burgueses, libertinos e, dum modo geral, não-conformistas que lentamente abandonam a sombra, a própria tradição humanista, unem-se na crítica de uma religião remuneradora e punitiva que tem dificuldade em resistir à luz fria da razão⁴⁰. Tirando partido da debilidade patenteada por uma pastoral da morte sem renovação⁴¹ contrapõem-lhe um novo discurso que se propõe integrá-la na própria natureza da vida, despojando-a desse modo da ênfase e da dramatização a que fora submetida.

À morte aterradora da Contra-Reforma substitui-se desse modo uma morte-passagem, expressa em termos metafísicos de simples ruptura do composto humano e transmitida por metáforas que a associam a imagens sentimentais, tais como a separação de dois esposos ou de dois amigos. Neste contexto, mais do que o pânico agónico da salvação, vive-se a dor de uma amizade destruída⁴².

Este fenómeno de *distanciação* em relação a uma realidade apesar de tudo iniludível, ecoa nos testamentos de forma paradigmática em recomendações de simplicidade e mesmo em manifestações duma afectividade nova, que leva a confiar aos descendentes questões tão graves como a sepultura⁴³. No extremo, conduzirá igualmente a um processo sintomático de repúdio da coabitação entre vivos e defuntos no interior do templo, que inaugura a controversa questão dos cemitérios⁴⁴.

*

Impõe-se deste modo uma nova concepção da morte que, opondo-se ao espectáculo do grande cerimonial, ditaria o declínio das pompas barrocas⁴⁵. O século das Luzes afirma de novo as virtudes do optimismo,

⁴⁰ MICHEL VOVELLE, *La Mort et l'Occident...*, pp. 382-383.

⁴¹ Facto que haveria conveniência em ver confirmado para o caso português. Cfr. *Idem*, *ibidem*, pp. 388.

⁴² PHILIPPE ARIÈS, *L'Homme devant la Mort*, p. 296.

⁴³ Cfr. JOÃO LOURENÇO ROQUE, *ob. cit.*, pp. 32, 33, 37, 50, 54, 69, e GERTRUDES MARIA BELAS ANICA e JOÃO MANUEL DOS SANTOS DE OLIVEIRA, «A Morte através dos testamentos — o exemplo de Salvaterra de Magos nos séculos XVII e XVIII», *1^{as} Jornadas obre formas de organização e exercício dos poderes na Europa do Sul, séculos XIII-XVIII*, História & Crítica, Lisboa, 1988, vol. 2, pp. 719-720.

⁴⁴ Cfr. FERNANDO CATROGA, *Laicização e democratização da necrópole em Portugal (1756/1911)*, Centro de História da Cultura da Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 1987.

⁴⁵ Cfr. a este respeito os dados referidos por SANTIAGO SEBASTIÁN, *Contrarreforma y Barroco*, Alianza Forma, Madrid, 1981, p. 103.

numa atitude a que não será porventura estranha a recuperação demográfica que se faz sentir na segunda metade e que se destaca num Antigo Regime caracteristicamente depressivo⁴⁶; mas perfila-se essencialmente como um período de transição, frequentemente indeciso entre os vários rumos.

À quebra de adesão em torno do conteúdo simbólico da festa fúnebre respondem na tumulária hesitações iconográficas⁴⁷, especialmente nítidas a partir dos meados da centúria e que levam ao progressivo abandono da concepção épica seiscentista em benefício de uma outra de cunho tendencialmente sentimental⁴⁸. Aparentemente nada mudara no discurso grandiloquo das comemorações; mas a função fúnebre no declinar de Setecentos tem já dificuldade em ocultar o seu desfasamento em relação a uma sensibilidade que mudara⁴⁹.

Na época em que se arquitectara o grande cerimonial, viviam-se em Portugal anos difíceis de introspecção imposta por uma conjuntura hostil apenas lentamente superada. Depois, quando o ouro do Brasil permite de novo ampliar os horizontes, a gramática triunfal do barroco funerário italiano faz-nos uma tardia aparição. Mas inicia-se já o século XVIII e com ele chegar-nos-iam também, a par dos últimos arroubos de uma estética em decadência, os primeiros sintomas da crise que, pela Europa fora, minava os fundamentos da concepção tridentina da morte, impondo a sua marca na iconografia tumular.

Entre dois tempos longos, revela-se deste modo exíguo o espaço disponível para a implantação de uma representação da morte além do mais dispendiosa. Pelo contrário, o carácter mais fluido das armações efémeras e as ligações que mantêm com um elemento tendencialmente fixista como é a etiqueta, garantem-lhes uma sobrevivência longa no quadro da gestualidade colectiva e confrontam-nas, progressivamente, com uma tumulária onde parece preferir cultivar-se a morte do *eu*.

⁴⁶ MICHEL VOVELLE, *La Mort et l'Occident...*, p. 367.

⁴⁷ PHILIPPE ARIÉS, *Images de l'Homme devant la Mort*, p. 84.

⁴⁸ Cfr. MICHEL RAGON, *ob. cit.*, p. 178.

⁴⁹ VICTOR TAPIÉ, *ob. cit.*, p. 267.